

A IMPORTÂNCIA DO PAPEL DO PROFESSOR NO DESENVOLVIMENTO DAS INTELIGÊNCIAS MÚLTIPLAS DE SEUS ALUNOS

Prof. Dr. João Henrique Suanno, PhD¹
suanno@uol.com.br

Resumo

O objetivo deste artigo é provocar algumas reflexões sobre a importância do papel do professor no desenvolvimento das inteligências múltiplas de seus alunos. Para tal, foi realizada uma comparação entre o paradigma anterior e atual da educação, uma discussão envolvendo a participação da família na criação de filhos sem autonomia, além de uma descrição de cada uma das inteligências com seus aspectos essenciais. Procurou-se levantar propostas de atividades para o desenvolvimento das inteligências múltiplas de alunos que podem ou não estar nas séries iniciais.

Palavras-Chave: Inteligências Múltiplas. Educação. Autonomia. Paradigma. Relação Professor e Aluno.

A sociedade atual reivindica indivíduos preparando-os para lidar com as novas realidades e necessidades das demandas pessoais e profissionais. Para isso, precisa-se questionar a todo o momento os paradigmas da educação, no sentido de pensar em como esta pode contribuir para a formação de um indivíduo que se sinta confiante ao lidar com aquelas demandas. A idéia de pessoas que constroem seu conhecimento como pessoas ativas e reflexivas da realidade que a cerca é parte do ideal de formação de toda pessoa que lida com a tarefa diária de ensinar, de orientar e de mediar a aquisição do conhecimento.

No novo paradigma da educação o professor não é um mero repassador de informações e conhecimentos prontos e acabados, tendo a aluno a tarefa única de decorar um determinado conteúdo e realizar, deste modo, um teste de memória. Neste artigo

¹ Pós-Doutorado em Educação pela Universidade de Barcelona/ES, 2014. Doutor em Educação, 2013, UCB/DF. Mestre em Educação, 2006, Universidad de la Habana/PUC-GO. Psicopedagogo, 1994, UCG/GO. Psicólogo, 1991, UCG/GO. Vice-Coordenador e Professor do quadro permanente do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias – MIELT, da Universidade Estadual de Goiás. Professor efetivo, dedicação exclusiva e produtividade da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Membro do grupo de pesquisa ECOTRANS – Ecologia dos Saberes, Transdisciplinaridade e Educação, coordenado pela profa. Dra. Maria Cândida Moraes. Pesquisador colaborador no projeto docência Transdisciplinar: a complexidade de uma prática a ser construída a partir de cenários e redes de aprendizagem integrada e ecoformadora. suanno@uol.com.br

paradigma, alunos com capacidade mnemônica aguçada eram tidos como alunos inteligentes.

Acreditava-se que o indivíduo era inteligente porque havia nascido inteligente, seja por ter sido gerado por pai ou mãe inteligente, ou, se não foi esse o caso, um belo presente vindo de uma divindade. Esta teoria não apresenta nenhuma participação ativa do indivíduo inteligente na construção da sua capacidade ou habilidade. Com isso, indivíduos que não possuíam tais habilidades, eram indivíduos que não tiveram a sorte de ter pais inteligentes ou não foram presenteados pela graça divina.

As pessoas então, eram e ainda o são, estigmatizadas segundo a capacidade de armazenamento, na memória, de informações sobre a vida, a ciência, a tecnologia e o mundo, mas não se cobra que este indivíduo relacione isso com a lógica dos acontecimentos decorrentes das relações entre estas diversas partes. Ler o mundo é analisar o que chega até si.

A criação dos filhos, desde há muito tempo, vem sendo realizada no sentido da não permissão da autonomia do pensamento, da não liberdade de expressão, do não direito de pensar e emitir opiniões sobre o mundo. Com pessoas sendo educadas desta forma, como se pode pensar em indivíduos autônomos? Ainda têm exceções que passeiam pela literatura, artes, ciência e outras áreas do conhecimento humano que conseguiram sobreviver à esta ordem anteriormente estabelecida, como desordeiros do sistema. Pessoas que contrariaram as leis de comportamento e esperaram o momento adequado, mas nem todas, para poder se assumirem com suas posições de pensamento acerca do mundo e das coisas deste.

A escola não pode permitir, como parte da construção de um cidadão do qual se espera contribuições futuras para com a sociedade, a permanência e continuidade deste tipo de ordem: da não liberdade de pensamento e não autonomia. Por isso mesmo, esta deve organizar-se em preparar o indivíduo para ser seu próprio guia no mundo, com capacidade de utilizar-se de seu conhecimento e discernimento.

O indivíduo deve ser percebido como um todo, um ser holístico, o qual baseado na Gestalt, veremos que somos um todo, um ser completo, onde quer que estejamos. Ou seja, onde estou, não está somente uma parte de mim, mas estou inteiro. Junto com indivíduo estão suas alegrias, suas tristezas, seus desejos e frustrações, suas dúvidas e temores. A partir deste pressuposto, a escola precisa entender que seu aluno pode estar, em alguns momentos, pronto para que haja um alto índice de aprendizagem e momentos, nos quais, pode estar disperso devido a outros acontecimentos que fogem ao seu controle ou que, simplesmente, não consegue trabalhá-los.

Para se trabalhar com indivíduos que aprendem, primeiro é necessário acreditar que todos possuem capacidade de aprender. É preciso acreditar que todas as pessoas têm interesses em algo e, se não os têm, podem ser motivadas a tal.

Em segundo lugar, entender que as pessoas são diferentes entre si e, portanto, podem gostar ou não gostar das coisas e processos que pensamos ser os melhores. Quando se fala em diferenças, estamos falando de modalidades de aprendizagem diferenciadas de cada pessoa, onde cada um aprende de uma determinada forma, um conteúdo que gosta, com uma pessoa que se identifica, de gostar de aprender com alguém e não gostar com outro alguém; estamos falando de diferentes velocidades de aprendizagem, nas quais cada pessoa tem um ritmo e um jeito de aprender diferente do outro.

Em terceiro lugar, compreender que a relação professor-aluno está diretamente ligada à capacidade empática da dupla. Não que esta empatia precise acontecer de forma positiva logo no início da relação professor e aluno, mas deve-se pensar que ela deve ser constantemente trabalhada a fim de se estabelecer uma boa relação ensino-aprendizagem para aquele que aprende e para aquele que está na posição de quem ensina.

Conhecer a teoria das inteligências múltiplas, postuladas por Howard Gardner, professor da Universidade de Harvard, nos EUA, e sua equipe, é importante para olharmos os alunos como pessoas integrais, com capacidades a serem desenvolvidas, a partir das várias possibilidades de interação com o mundo, mediadas pela figura do professor. É dessa forma "que os indivíduos podem diferir nos perfis particulares da inteligência com os quais

nascem, e que certamente eles diferem nos perfis com os quais acabam" (Gardner, 1995, p. 15).

Baseados na teoria das inteligências múltiplas proposta por Gardner e outras apresentadas por diversos estudiosos deste assunto, poderíamos pensar algumas formas de trabalhar com os alunos de maneira a favorecer o desenvolvimento destas.

Na sua teoria, Gardner propõe que todos os indivíduos, em princípio, têm a habilidade de questionar e procurar respostas usando todas as inteligências. Todos os indivíduos possuem certas habilidades básicas em todas as inteligências e a linha de desenvolvimento de cada inteligência, no entanto, será determinada tanto por fatores genéticos e neurobiológicos quanto por condições ambientais.

Gardner, em 1985, divulga a sua teoria das inteligências múltiplas. Para ele e sua equipe de pesquisadores e professores, são oito as inteligências: espacial, corporal-cinestésica, lógico-matemática, interpessoal, intrapessoal, lingüística, musical e ecológica.

A noção de espaço é bastante trabalhada na escola nas séries iniciais, quando as crianças estão desenvolvendo seu esquema e imagem corporal. Realizam-se trabalhos e atividades nas quais as crianças devem reconhecer seus corpos, suas partes, sua lateralidade. Trabalha-se o conhecimento dos lados esquerdo e direito, em cima e embaixo, sobre e sob, atrás e na frente. Cobra-se da criança uma capacidade para estes entendimentos que devem ser absorvidos ainda na infância, visto que há adultos com dificuldades na lateralidade andando por aí, pois estes entendimentos, não são mais trabalhados nas séries posteriores à Educação Infantil.

Pensar o espaço no qual está inserido e refletir sobre sua relação com as pessoas é também fazer uma leitura da realidade que pode contribuir para a tomada de decisões muito importantes na vida da criança e futuramente quando adulto.

Vê-se pessoas adultas, e não são poucas, com sérias dificuldades de organizar-se no espaço em que se encontram, com dificuldade de situar-se geograficamente no espaço, não sabendo se orientar nem para que lado deve seguir se por acaso perder seu referencial concreto.

Ajudar a criança a construir referenciais de dimensões espaciais não é nada difícil. Solicitar que meçam mentalmente os espaços onde convivem e depois medir juntos para verificar a medida real é ajudar a construir tais referenciais. Solicitar que situem-se geograficamente pensando onde está um shopping, uma cidade próxima, a sala da direção dentre outros, e variar estas solicitações com giros em torno do seu próprio eixo, de olhos fechados, faz com que possa refletir mais sobre sua situação no mundo. Pedir que ande dez metros e depois meça dez metros para que ela possa construir uma imagem correta acerca desta distância e faça assim, outras vezes, com outras medidas, e de outras formas.

Realizar estes tipos de atividades e outros tipos criados pelo professor, favorece não só o lado do aferimento concreto de suas percepções, mas, sobremaneira, a percepção do mundo, enquanto lugar de relações, aquisição não intencionalizada pela criança, ou adulto, que a pratica, mas que ajuda a sua sobrevivência equilibrada no mundo. “Os atos motores são indispensáveis na relação que fazemos com o mundo, mas também na compreensão dessas relações (FREIRE, 1997, p.28).”

Estudar o espaço no mundo não deixa de ser importante, mas pensar que a situação geográfica do seu povo, da sua cidade, influencia na construção inclusive de valores morais, é inteirar-se mais sobre a realidade de cada um. É buscar entender que aquele que age de determinada forma, não o faz somente por querer, mas porque lhe foi apenas ensinado que era para agir assim, seja por motivos culturais ou religiosos, lembrando que estas regras internalizadas são difíceis de serem rompidas.

Com este tipo de trabalho de desenvolvimento de inteligência espacial, trabalha-se também a inteligência lógico-matemática, o que não quer dizer que estejam atreladas sempre, mas que não se deixa de fazer uma relação lógica situacional em determinados casos.

Desenvolver a inteligência lógico-matemática pode, no mínimo, ser interessante e divertido. Promover situações conflituosas para que se busquem soluções criativas é algo gostoso de se fazer com alunos de qualquer idade. A esse respeito, Antunes (1998, p. 17)

esclarece que a inteligência, "tem a propriedade de selecionar a maneira melhor de compreender as coisas, a melhor saída para resolver problemas".

Esta inteligência se explica na capacidade que o indivíduo tem em uso do pensamento lógico, uso da razão, da reflexão, no uso de cálculos matemáticos também. Quando se fala em cálculos matemáticos não estamos nos referindo apenas ao uso das quatro operações matemáticas e suas derivações, é isso também, porém sem ficar limitado apenas a estes casos. Quando se escreve em um caderno uma redação, e se chega ao final de uma linha com uma palavra que não vai caber inteira nesta, temos que ter a noção de onde cortar a palavra para continuá-la na linha de baixo, isto é inteligência lógico-matemática. Um poeta que trabalha com versos e rimas, estrofes e versos dodecassílabos também a está trabalhando.

Hoje em dia, com o uso do DVD, não vemos tanto acontecimento como este que vou relatar, mas há algum tempo, quando lançado o VHS, víamos pessoas que diziam apresentar certa dificuldade em assistir aos filmes porque não sabiam se liam a legenda ou se viam as cenas. Fazer as duas coisas ao mesmo tempo não era fácil. Mas, depois de algum tempo o organismo calcula o tempo em que as legendas ficam na tela para serem lidas, acostuma-se com este prazo e dá conta de ler as legendas e ver o filme. Este tipo de cálculo é uso do pensamento lógico-matemático.

A dificuldade de relacionamento dos alunos com os exercícios que exigem lógica matemática, não só na disciplina Matemática, podem ser minimizadas se houver uma preocupação, por parte do professor, em apresentar sua disciplina com idéias de facilidade, de investigação e mistério, de forma a motivar o aluno à busca não apenas pela obrigação de ter que aprender e decorar métodos. Logicamente não estou falando de todos os professores, pois têm aqueles que fazem por não merecer esta referência, mas quero dizer daqueles que vão utilizar a referência que fiz agora aos outros para se encontrarem dentro da prática correta. Daqueles que nunca pensam que se está falando deles.

Os erros de apresentação de conteúdo aparecem de diversas formas, primeiro quando aparece com problemas a serem resolvidos. Esta terminologia, resolver um

problema, dá uma conotação inconsciente de que algo desagradável está para ser resolvido. São coisas que influenciam na aprendizagem de maneira indireta e não percebida. Escuta-se em casa, no trabalho, na rua que todos têm muitos problemas e que problemas são desagradáveis, e são mesmo, que se pudessem não teriam os problemas que têm, que se pudessem escolher fugiriam de certos problemas ou não pensaria neles. De repente, entra um professor em sala de aula e fala que tem vários problemas a serem resolvidos naquele dia.

Outra forma costumeira de apresentação do conteúdo é falar que o conteúdo a ser ministrado nesta aula é por demais complicado e que, se não prestarem bastante atenção à aula, não darão conta de resolver os problemas que virão em seguida. Uma maneira de poder direcionar a atenção do aluno para aquilo que desejamos, o objetivo da aula, o que se quer que os alunos aprendam, é colocar num canto no quadro o que é para ser aprendido hoje, e não se colocar muita coisa. Desta forma, solicita-se a atenção da criança, ou adulto, para algo que ela sabe onde deve chegar. Já vi alunos com dúvida de não saber se entenderam tudo o que deveriam entender e se não há algum segredo que ainda não foi capaz de perceber e que, sem o qual será impossível resolver os problemas. Vê o problema como cresce?

Cativar a atenção do aluno com algo que ele sente que dá conta de fazer, dispensando um pouco mais de tempo em atividades onde todos se sintam seguros daquilo que está sendo realizado, é investir na aprendizagem futura do seu aluno. A necessidade de ter que ministrar o conteúdo de forma a terminá-lo ao final do ano letivo, muitas vezes funciona como um caminhão atropelando os alunos e o que é o mais importante, a aprendizagem segura do conteúdo, fica pelos caminhos, perdida nas recuperações paralelas que quase nunca são realizadas a contento da aprendizagem daquele que necessita dela.

A utilização de adivinhas, jogos com números, quebra-cabeças, invencionices e criatividade na criação de jogos e regras, um caso para ser solucionado, todas estas formas prendem a atenção do aluno, que, junto ao conteúdo, transformam as aulas em gostosos momentos de relação professor-aluno e auxiliam na relação ensino-aprendizagem.

Têm-se o costume, a grande maioria dos professores, em não levar em consideração o corpo na situação de aprendizagem. Devemos nos lembrar que a mente que pensa está localizada dentro de um corpo e não é isolada deste em momento algum.

“O corpo, inevitavelmente mortal, não está morto. E sem ele nada se pode fazer aqui. Somos seres motores, corpos locomotores somos diferentes dos vegetais, que onde nascem, permanecem” (FREIRE, 1991, p. 26).

Deve ser realizada uma busca a fim de saber que movimentos acontecem em sala de aula, compreender a importância deles na vida das crianças e como se articulam na aprendizagem, para que não haja uma sectarização do corpo com a mente. Lidar com alunos parados e calados em sala de aula é bem mais fácil que lidar com estes em movimento, e este tipo de pensamento não é mais desculpa para não se trabalhar o movimento em sala de aula. Não dá para trabalhar a autonomia dos alunos deixando-os imobilizados nas carteiras.

A educação deveria privilegiar o indivíduo como um todo, um ser de corpo inteiro que se relaciona no espaço com outros corpos e objetos. Educar corporalmente uma pessoa não significa provê-las de movimentos, mas também educar para a imobilidade, promovendo tensões e relaxamentos, fazer e o não fazer. (FREIRE, 1991, p. 23).

Educar exige uma relação entre, no mínimo, duas pessoas. Estando em uma sala de aula, com outros alunos, muitas pessoas se vêem envolvidas num processo que tem tudo para se tornar mais tortuoso se não houver flexibilidade por parte daquele que ensina. Estabelecer um vínculo na relação professor-aluno depende das duas partes, mas sobremaneira da parte do professor.

Primeiramente, em uma relação dual, tem-se que perceber o outro enquanto pessoa que tem desejos, carências, necessidades etc. Para se manter uma relação com outra pessoa, seja em nível que for, amizade, parental, profissional, passional ou educacional deve-se ter a habilidade de colocar-se no lugar do outro para poder perceber o outro enquanto sujeito ativamente participante do pretendido processo a ser estabelecido para a aquisição de conhecimento e construção de aprendizagens.

A participação do mestre é sobremaneira importante para se estabelecer uma boa relação entre professor e aluno, porque até a idade de seis ou sete anos a criança não inicia as tentativas de perceber o mundo como se fosse outra pessoa, sendo ainda bastante egocêntrica. A partir desta idade começa a esboçar tentativas de se colocar no lugar de outra pessoa em algumas situações. Esta capacidade da criança só vai concretizar-se após o período destinado à adolescência, quando o indivíduo está pronto para manter relações interpessoais maduras e saudáveis. Aqui sim, o indivíduo pode colocar-se no lugar de outra pessoa e enxergar a situação com os olhos da outra pessoa, seguindo o seu referencial.

Segundo Bee (1996), grande parte da experiência na qual está baseado o conhecimento cognitivo ocorre nas interações sociais, especialmente nas brincadeiras com outras crianças. Por isso, o planejamento das atividades a serem desenvolvidas com os alunos deve ter em vista a relação interpessoal, já que não conseguimos, adultos ou crianças, ficarmos parados por muito tempo. Outro fator são os grandes estímulos que se tem dentro de uma classe: os objetos do colega, o jeito do outro se sentar, um sorriso, um fato desconcertante que acontece em sala de aula movimentando risos em profusão.

Aproveitar a relação com as outras pessoas na sala de aula em situação de aprendizagem é ter um outro instrumento que pode ser facilitador ao invés de ser um complicador da mesma. Realizar atividades grupais, campeonatos, gincanas, nas quais um necessita da participação do outro para terem um bom desempenho, uma boa oportunidade de perceber as qualidades de colegas que antes passavam despercebidas.

Ter uma boa inteligência interpessoal é a capacidade de ter relações interpessoais com outras pessoas e fazê-las funcionar de modo positivo, fazer dar certo. Vemos que existem pessoas com dificuldades de manter relacionamentos de qualquer espécie por um tempo um pouco mais prolongado. Às vezes facilita o acesso, mas só aparentemente, porque depois de algum tempo torna-se enfadonha, agressiva, ou apenas despercebida pelos outros.

Para se trabalhar com os alunos deve-se esperar que aconteçam ruídos. Ruídos devem acontecer em uma situação de aprendizagem, isto se tomarmos como ponto de

partida que a aprendizagem é uma ação e uma ação é movimento e movimento faz ruído. Alguém poderia argumentar que é uma ação mental, mas como já foi dito anteriormente, é uma ação mental que habita um corpo repleto de emoções, o qual, às vezes não consegue contê-las. Há a preocupação com a disciplina, por vezes, de forma exagerada, por parte da direção, coordenação ou mesmo por parte do professor. A disciplina deve existir em qualquer tipo de regime educacional ou não, e

“a necessidade da disciplina aparece não por mero autoritarismo ou arbitrariedade dos responsáveis pela condução do trabalho escolar, mas como condição indispensável para conduzir uma prática pedagógica comprometida com os anseios das classes igualitárias”. (FRANCO apud PASCOAL, 1998, p. 62)

Levar em consideração a criança, o aluno, como um todo único e inseparável implica em perceber que este indivíduo possui toda uma gama de sentimentos que influenciam, e porque não dizer, determinam comportamentos os mais variados. A forma de interação do indivíduo com este estado de humor pessoal é o ambiente de ação da inteligência intrapessoal.

É importante perceber que, quando um aluno entra em sala de aula, ele não deixa no lado de fora todas as coisas que possam atrapalhar a sua aprendizagem. Ele não entra apenas aluno desta ou daquela disciplina e está pronto e preparado para ter atenção completa e resultados ótimos como pais e professores esperam. Angústias, temores, incertezas, inseguranças, frustrações e outros tantos tipos de emoções, sejam más ou boas emoções, vão interferir sobremaneira na relação deste aluno com a sua aprendizagem.

Não é que tudo deve ser pensado e preparado antecipadamente pelo professor para resolver as situações que possam atrapalhar a relação com as aprendizagens de seus alunos. Deve sim, como profissional que é da área da educação, preparar-se o melhor possível para ser um mediador competente da relação ensino-aprendizagem dos seus alunos.

Como tal, deve ler, pesquisar, estudar, não somente os fundamentos teóricos que embasam a sua prática, mas também sentir as necessidades emocionais que todos temos

quando nos sentimos perturbados emocionalmente perante algumas situações que a vida impõe a todos. É perceber o ser humano como humano. É ser humano com as pessoas. Uma pessoa que consegue perceber que o outro é uma pessoa com sentimentos, se relaciona diferente com o mundo.

Há uma grande preocupação em encontrar, por parte da escola, mecanismos de contenção do excesso de movimentação dos alunos em momentos julgados inapropriados. Em alguns casos, nem na hora do intervalo, o recreio, não se pode ter movimentos intensos como correr, brincar de bola etc. as pessoas, adultos e crianças, precisam de momentos para poder extrapolar suas tensões na busca do estado de equilíbrio necessário à uma boa saúde física e mental. Têm-se que estar atento às diversas formas de contar sobre si que as crianças têm. “A criança indisciplinada está tentando dizer alguma coisa para a professora. É preciso saber ouvir e compreender a mensagem que se esconde por trás do comportamento manifesto como indisciplinada” (ROSENBERG apud PASCOAL, 1998, p. 102). Uma criança que percebe que tem um professor que enxerga suas necessidades de trabalhar suas emoções sejam quando necessário serem trabalhadas, se aproxima deste professor e, conseqüentemente, de seu conteúdo.

Fazer atividades que trabalhem a competitividade, a rivalidade sadia, a busca por melhores resultados de uma equipe a qual ele se vê integrado etc., propiciam momentos de descarregamento de tensões e favorecem a concentração para conteúdos novos a serem apresentados a eles. Estes tipos de atividades podem ser aplicados tanto antes do conteúdo novo, como em uma negociação com a classe, ser apresentados após esta explanação.

Quando se fala em perceber o aluno enquanto pessoa é estar pronto, naturalmente, para notar que um aluno está diferente em um dia, noutro dia outro aluno, ou mais alunos, e se preocupar em perguntar o que está atrapalhando ele naquele dia. Um ato de perguntar em sentido cúmplice, aconchegado no cochicho entre as duas partes para a não exposição do aluno perante a classe. O aluno se sente percebido enquanto pessoa que é, ser humano, e respeitado em seus sentimentos.

Vemos que existem pessoas que têm uma grande dificuldade de trabalhar com suas frustrações, que acabam ficando por demais agressivas quando assim se sentem e costumam descarregar seus sentimentos agressivos sobre alvos que não tem nada diretamente a ver com o fato causador de tal sentimento. Este tipo de pessoa mostra, claramente, uma dificuldade de trabalhar seu estado de humor, o que demonstra um mau desenvolvimento de sua inteligência intrapessoal.

Para que possamos trabalhar mais adequadamente as emoções a fim de que não sejamos objetos de ações irracionais, temos que nos sentir pertencentes e amparados por outra(s) pessoa(s), não no sentido de minimizar as consequências dos atos cometidos, mas como elo entre o irracional e a realidade que tenta modificar em si mesmo. Faz-se necessário uma pessoa com quem possa se relacionar de indivíduo para indivíduo.

A comunicação faz-se necessária na relação do indivíduo com outros, e sua importância está no fazer-se entender, ser entendido e entender os diversos signos, falados, escritos e imaginados, de uma determinada língua, de uma determinada cultura. A capacidade de compreender uma língua, dominar o seu uso, dizer a palavra certa na hora certa, escrever um texto com coerência e coesão textual. Escrever, interpretar e aplicar palavras e frases em situações de comunicação social, são algumas das formas de uso e manifestação de uma boa inteligência lingüística.

Em sala de aula existem alunos que possuem uma capacidade incrível de convencimento aos colegas para fazerem brincadeiras e outras coisas. Este tem, ou está em desenvolvimento, uma boa inteligência lingüística. Ora, o professor deve ter desenvolvido a sua para poder trabalhar na área profissional que escolheu.

Solicitar que os alunos façam atividades que desenvolvam as suas inteligências lingüísticas não é por demais complicado, mas em primeiro lugar deve-se acreditar que a leitura constante ajuda o seu desenvolvimento. O envolvimento do aluno no mundo da leitura deve ser estimulado pelo professor, e não se pode querer um aluno leitor sem o professor lê-lo. Por identificação, numa relação positiva com a figura do professor, o aluno que percebe o prazer de ler que este possui, tende a se motivar para a leitura também. Mas

como o professor pode demonstrar que sente prazer na leitura? Contando. Contar que leu em algum lugar algo interessante demonstra que com a leitura se enriquece com conhecimento geral, com vocabulário, nas relações sociais e em outras variadas áreas.

Atividades de contar sobre as histórias que cada aluno leu para todos da sala é um ótimo exercício de se trabalhar o sentido de síntese textual, a desinibição da fala ao público, a organização mental de uma estrutura de explanação oral, o treino da coordenação oral para a fala, além de ser interessante escutar histórias contadas. Saber contar histórias faz com que a figura do professor passe a ser um modelo de identificação a ser seguido. Professor com uma boa inteligência lingüística favorece o bom desenvolvimento desta inteligência nos alunos. Celso Antunes (2006), fala que um professor ao apresentar um conteúdo pode solicitar que alunos diferentes expressem esse tema através de diferentes linguagens, específicas à sua inteligência. Essa é uma entre outras formas de se trabalhar esses estímulos em sala de aula.

Não podemos fazer uma cisão entre a figura do professor e a do modelo que ele nos representa. Todos nós tivemos professores que foram facilitadores da nossa aprendizagem e professores que foram complicadores da nossa aprendizagem. Todos nós tivemos professores que, hoje, como professores que somos, escolhemos para copiar certas atitudes e outros que escolhemos para ser espelho do comportamento contrário daqueles que mantiveram conosco. Cabe aqui perguntar: Qual o tipo de modelo que quero ser para meu aluno?

Ter a capacidade de discernir sons, identificar sua emissão, local e fonte de barulho, facilidades em tratar com instrumentos musicais e melodias, dentre tantas outras habilidades, fazem parte da inteligência musical.

O meio auxilia sobremaneira o desenvolvimento das inteligências múltiplas segundo a quantidade de exposição a determinados fatores que podem ser estimuladores do seu desenvolvimento. Partindo deste tipo de pensamento, a fim de se estabelecer vínculos com a inteligência musical, podemos perceber que uma criança que vive com o pai ou a mãe músicos vai crescer com uma afinidade superior a outros que não estiveram sujeitos a esta

forma de exposição, que terá maior discernimento no reconhecimento de sons, timbres, acordes, melodias etc.

Pensando ainda desta forma, a inserção da criança num contexto de criação musical, de um passeio por formas e instrumentos diferenciados na produção de sons, exercícios vocais para o reconhecimento das suas potencialidades vocais, provocados pelo professor, ajuda no desenvolvimento da inteligência musical.

Deve-se ter sempre na lembrança que envolver a criança num novo contexto de tentativas e esforços por campos antes não trafegados, deve ser feito de forma calma, tranqüila, apresentando as idéias, os objetivos e as possibilidades, valorizando o potencial real de cada aluno naquele momento inicial de atividades. A idéia é fazer presente a motivação com prazer e o interesse em participar manifestado ajudado pela figura do professor motivador.

Reconhecer sons de animais, vozes dos colegas em diferentes tonalidades, sons diferentes em sala de aula, barulhos da rua, da natureza, de objetos desconhecidos, passam a ser atividades que podem ajudar o desenvolvimento desta inteligência.

A inteligência ecológica é a capacidade que um indivíduo tem de preocupar-se com a qualidade do ambiente o qual pertença ou não a ele. É zelar pela qualidade do ambiente seja ele urbano, rural ou selvagem.

O desenvolvimento da inteligência ecológica, ou naturalística, pode ser estimulado de diversas formas, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar. Coletar objetos do mundo natural; classificar espécies naturais; organizar grupos para observar a natureza; perceber as mudanças do meio ambiente; aprender características do mundo natural; usar lentes de aumento, telescópios ou microscópios para estudar a natureza; desenhar ou fotografar a natureza, caminhar junto à natureza ou viajar num ambiente natural; fazer jardinagem; cuidar de animais de estimação; proteger a vida natural; visitar o zoológico e jardins da cidade; visitar museus e exposições sobre a história natural; secar flores; pesquisar sobre o trabalho de ambientalistas e naturalistas famosos, tal como Charles Darwin, e tantas outras

possibilidades que exercitam a inteligência naturalística poderão ser feitos de forma agradável e prazerosa pelas crianças, assim como com todos os envolvidos, incluindo os pais.

Buscar temas relativos à inteligência ecológica para discussão em sala de aula, pesquisando em revistas, livros, *internet* e filmes que mostram curiosidades e o detalhamento da vida animal e vegetal e dos minérios. Poderão ser temas como: árvores, zoologia, animais, astronomia, pássaros, botânica, borboletas, florestas, flores, estrelas e constelações, pesca, jardinagem, geologia, insetos, montanhas, oceanos, rios, rochas, vulcões etc. é difícil imaginar um destes temas que não desperte a atenção e não motive os alunos em torno deles.

Pensar ecologicamente é pensar em si mesmo e sobre o seu lugar no mundo. É refletir sobre a sua participação no equilíbrio da vida no planeta e na participação de cada pessoa conhecida dele ou não. Como diz Schwartz (1999) "o corpo seja tomado como o próprio espaço ecológico de realizações conscientes e onde o equilíbrio com a natureza é o sentido da busca do próprio equilíbrio interior".

Ter uma habilidade desenvolvida em uma determinada inteligência não quer dizer que já possui esta completamente desenvolvida. Cada uma das inteligências abre as portas para diversas possibilidades de relacionamentos com conteúdos e objetos distantes dentro de si mesmo. A exemplo da inteligência corporal-cinestésica: se uma pessoa sabe dançar muito bem qualquer ritmo musical, pode não ter habilidade para realizar trabalhos manuais, que também pertence a esta inteligência.

Não dar conta ou achar que não dá certo, não são desculpas para não se desenvolver alguma habilidade. Não nascemos prontos e organizados, temos que aprender. E aprender exige esforço, participação, disponibilidade e interesse de embrenhar-se no que não é conhecido. Aprender é um ato de coragem. Sair do pronto e estabelecido para o que não está pronto, para o que vai desorganizar o que já está estabelecido, para o que vai exigir de cada um, envolvimento e motivação para buscar outras formas de organização, melhores e mais elaboradas, não é simples.

Aprender é desordenar a ordem internalizada, às vezes há anos. Querer dizer e dizer algo que queira quando o correto internalizado é não poder dizer o que se pensa é ir contra a figura do pai e da mãe, ou das pessoas que fizeram as vezes de pai ou mãe deste adulto. É desobedecer. É ir contra os valores que, não questionados, foram internalizados e absorvidos como regras que devem ser mantidas. Esta ordenação está na inconsciência de cada indivíduo e não se obedece a uma nova ordem não, simplesmente porque não quer, mas porque não dá conta de se rebelar contra as figuras parentais dentro de si, nas figuras, como já foi dito, do pai e da mãe, ou de figuras como a sociedade, uma elaboração avançada das figuras parentais.

Aprender é como entrar em um quarto escuro, daqueles que não entra luz alguma, nem com a porta toda aberta. O quarto se fará aceso a partir do momento em que se for conhecendo cada parte deste. Entra-se com receio, com calma, e vai-se tateando para que se faça conhecer todo o ambiente. Esbarra-se aqui e ali em um ou outro móvel existente neste cômodo até que possamos nos movimentar com liberdade pelo quarto sem mais nos esbarrarmos e nos machucarmos nos móveis. Aqui, tem-se a aquisição de um determinado conhecimento, uma parte apenas de um caminho a ser percorrido, mas é necessário dominá-lo para passar adiante.

Neste momento, o indivíduo percebe que aparecem várias outras portas dentro deste quarto, que dão acesso a outros tantos conhecimentos, e estas a outras portas e mais quartos e mais outras tantas portas. Para aqueles que não querem o conhecimento, ou não se predispõe a buscá-lo, basta não entrar na primeira. Às vezes, por medo, pode-se não entrar também. Decerto não é o momento adequado de entrar. Decerto pode estar necessitando de um mediador para tal. Olha aí a figura do professor.

The importance of the teacher's influence in the development of multiple intelligences of its pupils.

Abstract

The objective of this article is in provoking some reflections on the importance of the paper of the professor in the development of multiple intelligences of its pupils. For such a

comparison between the paradigms previous and current of the education was carried through, a quarrel involving the participation of the family in the creation of children without autonomy, beyond a description of each one of intelligences with its essential aspects. It was looked to raise proposals of activities for the development of multiple intelligences of pupils who can or not to be in the initial series.

Key Words: Multiple intelligences. Education. Autonomy. Paradigm. Teacher and Pupil Relationship.

Referências Bibliográficas

ANTUNES, C. *A inteligência emocional na construção do novo eu*. 3. ed. Petrópolis: Paz e Terra, 1998.

_____. *Todos temos o brilho de oito inteligências, infelizmente nem todas acesas*. Bate-papo com Celso Antunes realizado pelo Ensino.net/Rede Bandeirantes de Rádio. 2006. In: http://www.ensino.net/chat_celsoantunes.cfm.

BEE, H. *A criança em desenvolvimento*. 7. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FREIRE, J.B. *De corpo e alma*. São Paulo: Summus, 1991.

_____. *Educação de corpo inteiro*. São Paulo: Scipione, 1997.

GARDNER, H. *Inteligências Múltiplas: a teoria na prática*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

_____. Sobre as várias inteligências: *Nova Escola*, n. 105. (pp. 42-45). São Paulo, 1997.

GASPARI, Josset Campagna de; SCHWARTS, Gisele Maria. *Multiple intelligences and their representation in adventure activities*. *Psic.: Teor. e Pesq.*, Brasília, v. 18, n. 3, 2002. Available from: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722002000300004&lng=en&nrm=iso. Access on: 03 Nov 2006. doi: 10.1590/S0102-37722002000300004.

PASCOAL, M. *O prazer na escola*. 1998. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 1998.

SCHWARTZ, G. M. & Silva, R. L.. *Lazer, turismo, ecologia: contribuições para uma nova atitude*. In: Encontro Nacional de Recreação e Lazer. (pp. 418-422). Foz do Iguaçu, 1999.

* **JOÃO HENRIQUE SUANNO** - Pós-Doutor em Educação – Universidad de Barcelona – 2014. Doutor em Educação – Universidade Católica de Brasília – 2013. Mestre em Educação – Universidad de La Habana-CUBA/PUC-Goiás – 2006. Psicopedagogo – PUC-Goiás – 1994. Psicólogo – PUC-Goiás - 1991. Professor Dedicção Exclusiva da Universidade Estadual de Goiás – UEG/Goiânia. Professor Bolsista Produtividade da Universidade Estadual de Goiás – UEG. Professor e Vice Coordenador do Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu Mestrado Interdisciplinar em Educação Linguagem e Tecnologias – MIELT/UEG.